

COMMERCIO DO MINHO

4.º ANNO 1876

FOLHA COMMERCIAL RELIGIOSA E NOTICIOSA

NUMERO 483

Assigna-se e vende-se no escriptorio do EDITOR E PROPRIETARIO José Maria Dias da Costa, rua Nova n.º 3 E, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia franca de porte.—As assignaturas são pagas adiantadas; assim como as correspondencias de interesse particular. Folha avulso 10 rs.

PUBLICA-SE

AS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

PREÇOS: Braga, anno 1\$600 rs.—Semestre 850 rs.—*Provincias*, anno 2\$400 rs. e sendo duas 4\$000 rs.—Semestre 1\$250 rs.—*Brazil*, anno 3\$600 rs.—Semestre 1\$900 rs. moeda forte, ou 8\$000 reis e 4\$500 reis moeda fraca.—Anuncios por linha 20 rs., repetição 10 rs. Para os assignantes 20 % d'abatimento.

BRAGA—QUINTA-FEIRA 20 DE ABRIL

Censuramos em o n.º 480 d'este periodico o leviano e menos cavalheiroso procedimento dos membros da actual camara municipal com relação ao voto de censura ao ex.º e rev.º sr. presidente da commissão administradora do collegio dos erfãos de S. Caetano.

Soubemos da existencia do tal *considerando* no mesmo dia em que elle foi lavrado na acta das sessões camararias; julgamos todavia prudente guardar silencio n'aquella occasião, silencio que só quebramos quando vimos o alto feito narrado,—e, segundo consta, com auctorisação da mesma camara,—nas columnas d'um jornal do Porto.

Fomos, pois, muito *ingenuos*, mas d'uma ingenuidade que teve a virtude de incendiar a pyra d'uma eloquencia abrasadora, chamante, que por um triz nos ia reduzindo a torresmos. E' ler o papel do sr. João Antonio, onde vinte penas diamantinas se disputam porfiadamente a gloria de nos esmagar sob o peso da sciencia que se acantóa n'aquellas cabezinhas de prata.

Vamos ao caso. A folha do sr. João Antonio, pretendendo occupar-se da questão do *considerando*, diverte-se com a nossa humilhação pessoa n'um artigo estirado, longo, interminavel, dividido em seis opulentos *capitulos*, cuja desigualdade d'estilo faz suspeitar que temos centauro pela frente.

E qual será o objectivo de tão improbo trabalho? defenderem a camara, ou a propria camara defender-se a si mesma? Neste ultimo caso, entre os sete vereadores, aliás *Cezares*, (Papel do sr. João Antonio, n.º 133) não haverá um

J... F..... que tenha a coragem de assignar o seu nome subscrivendo os seis retolhudos *capitulos* do monumentalissimo artigo precitado? Ou é porque todos os *Cezares* são redactores do papelito do sr. João Antonio?!

Se os mui altos *Cezares* nos respondessem, quer collectiva quer parcialmente, firmando o seu nome, e dizendo ao publico qual a significação do seu procedimento ácerca do *considerando*; curvar-nos-iamos reverentes, e a respeitosa distancia porque não somos dignos de desatar as correias dos sapatos a tão olímpicos figurões.

Meus snrs., a questão é outra: o que se procura com estas *tiradas* risíveis que d'ha tempos exhibe o papel do sr. João Antonio, é desprestigiar... Não o conseguirão, coitados!

Em quanto a nós, sabemos que ha por lá *mirones* que em teres, pergaminhos e sciencia estão muito, muito e muito e muito e muito e muito superiores a nós, os pequeninos, os humildes. Se a senda por onde esses caminhar é estradada de flores, e a agrura por onde conduzimos a nossa cruz é dolorosa, tanto melhor para elles, os mimosos.

Concluindo, diremos que não estamos dispostos a descer a dar resposta a outras allusões do arauzel, e declaramos que não mais daremos attenção a quem, perdida a vergonha, continúa a insultar-nos cobardemente, não se dignando responder ao empraçamento, que lhe temos feito e mais uma vez lhe fazemos:

Emprazamos o *Jornal do Minho*, na pessoa de seu proprietario, a que nos diga franca e categoricamente o que sabe das referencias contidas na local epigramada *Tra-*

balho de Hercules, publicada na 3.ª pagina, 3.ª columna do seu n.º 129, de 31 de março: «... o compadre *Commercio do Minho*. Pobre compadre, tinham-lhe pro-mettido um osso...» etc.

J. M. D. DA C.

Londres, 19 de Março de 1876.

(A' redacção do «Apostolo».)

I.—Triumpho por toda a parte a Inglaterra e a Maçonaria, isto é, o Protestantismo, do qual a mesma Seita é o docil e servil instrumento. Por toda a superficie do mundo civilizado, não se vê outra cousa, nas revoluções politicas, excitadas e dirigidas pela politica Inglesa de mãos dadas com a seita, debaixo de suas diferentes formas externas—mas a mesma em todas na essencia,—senão o rancor entranhavel contra o Catholicismo, o empenho de reunir contra elle todas as seitas politicas e religiosas.

Felix qui potuit rerum cognoscere causas—quando se conhece e considera o primeiro, ou mais alto, ou por outra, o ultimo fim, o fim predominante, que um individuo, uma sociedade, ou um Estado, têm por alvo, já se entende que adaptam naturalmente seus procedimentos de modo a encaminhar-os á obtenção do mesmo fim.

Assim pois, como pelo fim se pode ajuizar dos meios, tambem por estes se vem a perceber aquelle. E quem reflectir sobre os factos e teor da politica Inglesa desde o principio d'este século, vel-os-ha todos tendentes e dirigidos ao mesmo fim—já quasi obtido—de tornar-se a Inglaterra árbitra, directora, dominadora, e des-

frutadora, d'este nosso Globo terraqueo. Ella sabe, porém, que para ter segura a cooperação, o serviço dos corpos, importa sobretudo assenhorar-se dos espiritos, dos animos, das vontades; e sabe igualmente, que para influir n'isto a força moral da religião é o meio mais efficaz que pode usar-se. D'este meio, pois, quer por todos os modos apoderar-se em todo o mundo, sendo possível, para então desfrutar e dominar á sua vontade a maior parte d'elle.

Eis ali a chave da politica Inglesa, e examine-se esta á luz d'estes esclarecimentos, que se ham de achar conforme a elles por toda a parte os procedimentos do Governo, funcionarios de toda especie, e mesmo simples individuos d'esta nação.

Se alguém aqui me replicasse: «e porque não quereria a Inglaterra exercitar essa influencia, esse predomínio moral e physico, por meio da Igreja Catholica?»—Por uma razão mui simples: a Igreja Anglicana é súbdita, é subordinada ao Estado, ao Governo; a Igreja Catholica deixaria de ser o que é desde que reconhecesse poder qualquer, nos objectos de sua jurisdicção, acima do seu proprio. Uma religião assim, por tanto, que em materias de crença, de moral, dos deveres para com Deus, e dos procedimentos que d'ahi dimanam, recusa admitir outra autoridade salvo a sua propria, não podia accommodar-se aos fins de uma politica que não vê ou procura outra cousa senão o enriquecer, exaltar, engrandecer, tornar predominante a nação, seja como fôr; e que nos meios a empregar para esse fim não reconhece limite, salvo na conveniencia ou no perigo.

II.—Mais uma prova, sobre tantas, do que acabo de escrever, se deixa ver até na conducta d'este Governo e nação, em

FOLHETIM

O LIBERALISMO CATHOLICO

SEGUNDA PARTE

Valor practico do sistema.

II

O liberalismo catholico faz de seus adeptos victimas de uma verdadeira logração.

[Continuação]

Portanto, como é possível que nossos catholicos liberais correspondam á obstinação d'este odio pela obstinação de sua confiança? Esta conducta é tanto mais inexplicavel quanto que desde ha muito tempo elles proprios lhes tem reconhecido a loucura. Desde o dia 3 de fevereiro de 1834, Lacordaire escrevia a Montalembert: «Tu me concedes que os liberais de França, da Allemanha, da Italia, da Hispanha, do mundo inteiro por conseguinte (ou pelo menos do mundo europeu) são os maiores inimigos da liberdade; e chegas até a chamal-os «infames»: é mais do que pretendo. Tu me concedes que é impossível fazer alliança com elles: é o reverso, o contraposto de toda a concepção de *L'Avenir* (1) e de todos os pensamentos subsistentes do padre de La Mennais. Tu me concedes, por mais forte razão, que é impossível ao Papa e á Igreja fazer alliança com elles:

(1) *Jornal catholico-liberal*, fundado por La Mennais, de que foram colaboradores Montalembert e o proprio Lacordaire emquanto as doutrinas do dito jornal não foram condemnadas pela Santa Sé.

é precisamente o que pensou o Papa e a Igreja.»

De maneira que, como acabamos de ver, desde 1834 os chefes da escola catholico-liberal convinhão entre si que tinham errado o caminho; que a concepção fundamental de *L'Avenir*, primeiro orgão d'esta escola, era radicalmente erronea; que o liberalismo europeu era o maior inimigo da Igreja e da liberdade, e que toda a alliança com elle era impossível e insensata. Mas então como comprehendem que, trinta annos depois, estes mesmos homens empreguem toda a sua eloquencia em preconisar o sistema de que tão perfeitamente reconheceram o perigo, e a alliança cuja impossibilidade era para elles tão manifesta? O liberalismo europeu tinha porventura mudado de natureza n'este intervallo? De modo algum; pelo contrario, tinha-se tornado cada vez mais oppressivo. Mas então como vê outra coisa mais que um logro na complacencia que lhe testemunham aquelles que tão convencidos pareciam de sua perfidia? (2)

2.º—Tentaremos por acaso (como não falta quem o pretenda...) explicar esta complacencia pela verdade e pela belleza intrinseca da doutrina chamada liberal, da qual seus defensores não fariam senão um *abuso accidental*? Com effeito, se o libe-

(2) Com appoio da cerrada argumentação do R. P. Ramière, pelo que toca especialmente a um dos mais respeitaveis chefes do catholicismo liberal, o sábio e virtuoso P. Lacordaire, permitta se-nos ainda citar aquelle seu bello *simile*, em que, pondo frente a frente um liberal e um catholico diz: «Aquelle é como Cain, que chama seu irmão para o campo da liberdade; mas é para o matar á traição.» (Confer.)—Catholicismo, e liberalismo! Este Cain, aquelle Abel.—Exactamente!

ralismo fosse verdadeiro e justo em si mesmo, só teriamos accrescido de merecimento defendendo-o, apesar da justiça de seus representantes.

Mas esta explicação, de nenhum modo é admiravel. Temol-o provado desde o principio d'esta controversia: (3) a doutrina liberal não é só erronea n'algumas de suas applicações; é mentirosa por essencia, pois que é uma mentira o que lhe serve de base. Ella está fundada sobre a confusão de duas noções contradictorias:—a independencia a respeito de Deus, e a liberdade a respeito dos homens. Uma d'estas duas nações destróe necessariamente a outra, pois que os homens não podem ser livres em suas relações mutuas, senão em quanto sua liberdade é respeitada por seus semelhantes; e este respeito não pode subsistir n'uma sociedade em que a auctoridade de Deus é entregue ao desprezo. E' preciso desconhecer completamente a natureza humana para chegar a suppór que ella possa jámais permanecer a respeito dos direitos de Deus na attitude de uma neutralidade benevola. Um inferior pode porventura cessar de reconhecer a auctoridade de seu superior sem se lhe tornar hostil? Que esta neutralidade seja possível n'uma sociedade em que a realisa de Jesus Christo e a supremacia espiritual da

(3) Vejam-se os artigos sobre a «banca-rola do liberalismo», pelo rev.º padre Ramière, a que já nos temos referido; e tambem se poderá lêr com fructo a este respeito o substancioso artigo—*Religião e Politica*—que a 2 e a 9 de outubro d'este anno inseriu o «Bem Publico», d'onde o transcreveram varios outros jornaes catholicos, sem que alguém até hoje se atravessasse, não dizemos a refutal-o, mas a tentar sequer essa empresa, bem convidativa certamente para um catholico liberal de qualquer grau ou matiz que se considere.

Egreja nunca foram reconhecidas, ainda se coocebe; mas n'aquellas que por muito tempo estiveram submettidas a este jugo, tão suave como glorioso, e que o tem criminosamente sacodido; n'aquellas que, devendo tudo a Jesus Christo e á Igreja, até sua propria existencia, responderam por sua revolta a doze séculos de benefícios, contar com uma equidade diferente da da submissão, é fazer de um impossível moral objecto de suas esperanças. O liberalismo puro é pois uma pura mentira; o liberalismo catholico, que persiste em crer na verdade d'esta mentira é uma persistente logração.

3.º—Logração tanto mais terrivel quanto é certo que ella favorece o exito de um peridoo estratagemas. A seita liberal, com effeito, não é uma escola de filosofia especulativa; é um partido religioso e politico ao mesmo tempo, que não expõe á luz da publicidade sua theoria mentirosa senão para attingir um fim realmente pratico. Este fim, que os espiritos mais penetrantes tinham desde ha muito tempo advinhado, revelou-se por meio dos factos com nua tal evidencia que a duvida—toda e qualquer duvida—tornou-se impossível. Tratava-se de destruir a auctoridade divina, primeiramente na ordem politica e depois na ordem religiosa. Foi para occultar o que havia de infernal n'este designio que se apresentou na frente, e como em grande taboleta o nome especioso e sonoro de liberdade. Não existe na linguagem humana expressão que tenha um maior numero de sentidos e que, portanto, se peste melhor á illusão. Não existe nenhuma que estimule mais poderosamente as mais nobres aspirações do coração humano e que melhor lisongee seus mais depravados instinctos.

(Continúa)

referencia ás cousas de D. Carlos e de Hispanha. O encarnicamento manifestado, desde o principio por toda a imprensa Inglesa contra D. Carlos e sua causa, com a unica excepção da imprensa Catholica (e ainda n'esta havendo uma excepção deshonrosa, de um papel que, por certa influencia, advogava pela causa revolucionaria occasionalmente), manifesta de maneira a mais conveniente a minha proposição.

Em todas as phrases vergonhosas dos acontecimentos de Hispanha, desde 1870 (sem falar dos anteriores, em que o mesmo sentimento anti-catholico predominou sempre), a imprensa Protestante Inglesa, até quando achou que desaproveitar, como nas insurreições de Cartagena, em alguns movimentos de Barcelona, no célebre *coup-d'état* do General Pavia (caricatura de Cromwell na Inglaterra, de Napoleão I na França, e de D. Pedro I no Brazil)—e por tanto, cousa, não só culpavel, mas até ridicula; teve sempre cuidado em se guardar de admitir, o unico remedio effizaz que havia para tudo isso—e regresso á ordem legitima nas cousas e nas pessoas.

A explicação d'isto está no mesmo principio e fundamento da politica e sentimento instinctivo Ingles de fugir a tudo quanto possa, de qualquer sorte favorecer o sentimento e causa Catholica.

O rancor inveterado, o espirito de calumnia, manifestado em todas as correspondencias das folhas Protestantas Inglesas; e os artigos directivos escriptos depois sobre essas mesmas correspondencias, encomendadas, e imbuias no interesse protestantes das folhas; tem por motivo e fundamento principal, o desejo e plano geral de combater e abater o Catholicismo e substituí-lo finalmente pelo Protestantismo Anglicano.

Dam-se para isto as mãos o Protestantismo, a Maçonaria e o orgulho Ingles, que não vêem outro obstaculo, outro impedimento, na realisação do dominio universal Ingles, senão no sentimento catholico e na Igreja. Infelizmente, esta, que não era em materias de fé, mais de uma vez tropeça nas cousas politicas; e não foi pequeno tropeção o de mandar a Madrid, durante a disputa, um Nuncio, dar força e peso a um systema que os anti-catholicos ministros de Inglaterra, de Prussia, e até de França, favoreciam fomentavam, apoiavam quanto podiam!

Não ha de tardar muito que a Santa Sé testemunhará os fructos da concessão infeliz que fez á Revolução, ao Protestantismo e á Maçonaria, instrumento d'elles e agente. Ha de ver a Propaganda Protestante rapidamente estender-se, florecer, dominar na Hispanha como o está fazendo em Portugal. Já n'um dos papeis d'aquí—creio que no *Times*—ha 2 ou 3 dias se vinha exultando ás claras, que cahia a final a nação exclusivamente catholica até agora existente.

Assim como em Roma vemos n'este momento correrem de toda a parte as seitas Protestantas de todas as castas, a fazerem, sôfregas e acintosas, os immensos ninhos na Cidade Santa, desque, sob os auspicios Ingleses e Napoléonicos, o Rei Ladrão e sua quadrilha foram occupar e profanar a cabeça do Mundo Catholico; da mesma sorte, vamos ver pulular na Hispanha toda a bicharia fermentada e nascida na corrupção Protestante e maçônica.

Ha muito que nos disse Oráculo infallivel, que «lá onde estiver o corpo morto e corrupto, os abutres concorrerão sôfregos.»

III.—Ainda existe, todavia mesmo entre Protestantas Ingleses, e Protestantas devotos e sinceros, quem apesar de suas opiniões religiosas, não desconhece o direito da justiça e da razão.

Esta manhã recebi eu, a seguinte carta de um excellente amigo Ingles e mui devoto á sua religião Protestante; e onde, todavia, se vê que zela os sentimentos da justiça e direito, mesmo onde estes se alliam aos do Catholicismo. Escreve elle, de Galles:—

«—6 de Março, 1876.

«Causou-me o maior pesar o resultado da lucta na Hispanha; pois não posso deixar de pensar, que a mesma lucta não será final, e que a Legitimidade ha de vir a tomar o seu devido lugar, mais tarde ou mais cedo. Sinto extremamente, porém, a escandalosa recepção feita a D. Carlos ao chegar a nosso paiz. Recepção tal, que se não fez jámais ao mais vil individuo de França ou de qualquer outra parte.

«Muito estimaria saber quem foi que instigou a canalha; pois houve, sem duvida, quem estivesse atraz da cortina, para cousa tão contraria a procedimento Ingles, ao meos em meu conceito.

«Envio o incluso bilhete meu de visita, que peço a V. de fazer entregar no Hotel onde D. Carlos esteja, e aproveitarei a primeira oportunidade de poder ir a Londres, para lhe apresentar os meus respeito.

«Parece-me que o Papa fez grande erro em tomar a parte do Rei Alfonso.»

Eis ahi como um honrado e grande negociante Ingles, que por muitos annos foi chefe de uma das maiores casas de commercio n'esta Praça, em relação com todos os grandes emporios e pontos commerciaes do mundo, ejuiza do caso de D. Carlos, e do comportamento aqui tido para com elle.

Na verdade, é uma vergonha para este paiz, o contraste da conducta d'elle para com Kfont e Garibaldi; por exemplo, em seu tempo, e hoje para com D. Carlos: aquelles foram victoriados como heroes, como benemeritos do genero humano, porque tinham feito guerra a governos legitimos e catholicos; este é insultado e apupado, porque sustentava principios são em politica e em religião.

O bando de povo ignorante que foi apupar a D. Carlos a seu desembarque em Folkstone, e alguns individuos (bem que poucos) á sua chegada a Londres e sahida da estação ferroviária em *Charing-Cross*, não era mais que de instrumentos cegos de agentes da revolução; era de dupes da imprensa maçônica, protestante e revolucionaria. A mesma imprensa que affecta censurar essa vergonhosa conducta para com D. Carlos, immediatamente descobre sua hypocrisia; deixando ver em suas imputações e sentimentos, que no fundo do coração se estava regozijando da propria obra. Porquanto, as proprias declamações e representações mentirosas do *Times*, e das outras folhas protestantes, é que prepararam e incitaram esses mesmos insultos a D. Carlos, que agora fingem deplorar.

A. R. SARATVA.

(Continúa)

O sacrificio de Jesus.

Caminha sob o pezo d'uma cruz que os seus juizes lhe lançaram; cabe sobre as lages frias d'onde o arrasta por dura corda uma turba infrene; levanta-se banhado em sangue das feridas abertas pela quédá; torna a caminhar,.... e caminha, sem amaldiçoar ninguém. Elle o Senhor do mundo, que a um aceno de sua vontade podia reduzir ao nada essa turba sequiosa do sangue do Justo!

Mas não, estava promettido no Eden desde a queda do primeiro homem, o Redemptor; estava escripto pelos profetas da antiga lei, que o sangue do filho de Deus, seria o preço do resgate da humanidade; cumpria-se o promettido, realisava-se a predição, e o Filho da Virgem curva-se aos decretos de seu Eterno Pae.

Senhor, Senhor, exclamavam em côro umas piedosas mulheres, que o seguiam ao calvario.

Não choreis por mim, respondeu o Divino Mestre, chorai antes por vossos filhos, que este sacrificio é a minha gloria, este o preço por quanto compro o resgate dos homens em todos os seculos futuros!

E estas palavras eram abafadas pela vozzeria de escórneo, de injuriás; mas nem assim todo esse clamor teve força para as extinguir, nem com dezoito seculos passados as tem esquecido a humanidade.

Mas é chegado o termo da viagem... lá está no cimo do calvario, despem-no, pregam-no n'essa mesma cruz e arvoram-no entre dois malfeteiros como se fóra um d'elles, Elle, que pregou no mundo a mansidão, a abnegação e a caridade!

Lá em baixo, na cidade outr'ora mimosa de Deus, na dissoluta Jerusalem, os juizes e magnatas adormecem no meio das orgias, e quando vier o bruxulear da manhã, quando os fumos dos liciores se dissiparem, nem mais se lembrarão do drama sanguinolento do calvario.

Tripudiai sobre a victima, delegados da Roma pagã e luxuriosa; enchei as vossas taças, filhos degenerados de Jerusalem, que da vossa cidade maldita nem pedra ficará; e vós, escravos do Cesar, vede que os vossos idolos sensuaes tremem nos seus pedestaes de barro porque a aurora da liberdade, da civilisação, e do amor fra-

terno, começa a raiar no Gulgota, n'esse monte onde quizeses abafar em sangue a doutrina de um grande filosofo, de um grande legislador, do Filho de Deus.

Esperavam os da raça hebréa um grande cavalheiro; appareceram-lhes pobre, e não creram n'elle, e a sua doutrina era desprezada pela altiva Roma, e sabeis porque? Ella era o latego constante dessa vida de lupanar em que os povos viviam.

Mas terminou o sacrificio, a cabeça do Christo pende desfallecida sobre aquelle peito generoso, o monte fendido deixa ver os ossos sahidos das campas, e á claridade frouxa da lua que rasga as trevas medonhas, vê-se a Mãe afflicta, atonita, abraçada á cruz do Filho, que lhe morrera alli.

O' maes, vós que acalentastes aos peitos os filhos do vosso amor, que muitas vezes vos despistes, para os cobrires a elles, dizei-me vós d'aquella dôr, dizei-me das palpitações de vossos corações, dos vossos sustos, dos vossos receios, e das vossas lagrimas, quando á cabeceira de vossos filhos velaveis na sua agonia.

Oh! a Mãe de Deus é exemplo para todas as mães, como a cruz do Filho é o apoio seguro, é a aurora de salvação da humanidade inteira.

Braga. SOARES ROMEU JUNIOR.
(A Borboleta)

GAZETILHA

Crisma.—S. Exc.^a Rev.^{ma} o sr. Arcebispo coadjutor continuará a crismar no Real Santuario do Bom Jesus do Monte no domingo, 30.

As freguezias que devem concorrer á mesma com os respectivos parochos para verificar a identidade dos seus parochianos são:

Espinho, Este (S. Mamede), Este (S. Pedro), Fraião, Gualtar, Lamaças, Nogueira e Arcos, Nogueiró, Pedralva, Sobrepasta e Tunões.

Extracto.—Do *Roleiro ou abreviada noticia de Braga*, que vem em appendice ás *Memorias do Bom Jesus do Monte*, do sr. conselheiro Diogo Pereira Forjaz de Sampaio Pimentel, e cuja terceira edição acaba de sair á luz, fazemos o seguinte extracto da descripção do Paço Archiepiscopal:

O Prelado-Coadjutor, que presentemente dirige a Diocese, occupa o lado direito saliente da fachada principal. São commodos e sumptuosos estes aposentos, quaes convem a um Principe da Igreja, e á dignidade do chefe da Igreja Primaz das Hespanhas. Contém seis magnificas salas seguidas, que terminam em uma galeria (donde veio o nome ao largo) ou varanda envidraçada. Desta póde o Prelado, sem ser visto, gosar para o poente o panorama da rua Nova de Sousa até perto da estação do caminho de ferro, e para nascente o da rua do Souto até o largo do Barão de S. Martinho e passeio do campo de Sant'Anna.

A melhor e maior parte da mobilia d'estes aposentos pertence ao mesmo Prelado-Coadjutor. Entre ella vimos as seguintes peças, como outras muitas, dignas de observação:

—Uma cadeira de honra, feita de páo santo ou jacarandá, moldurada com uma almofada de veludo carmezim, que tem as armas nacionaes bordadas a ouro em alto relevo,—outra da mesma madeira, com embutidos de páo rosa, que foi do arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles, por aquelle Prelado adquirida e reformada,—um canapé de ébano, que s. ex.^a rev.^{ma} trouxe da ilha de Ceilão,—um calvario aberto em uma só peça de marfim, com 24 figuras em alto relevo, da altura de 0^m,10, dividido em sete quadros, cada um dos quaes representa os passos de Christo,—uma imagem do Bom Pastor, tambem de marfim, sobre monte da mesma substancia, onde figuram pastando muitas ovelhas, e no baixo d'elle em cavernas as imagens do Apostolo S. Pedro, de S. Jeronymo, e de Santa Maria Magdalena. São tambem notaveis em uma d'estas salas o gabinete particular do insigne Prelado e a sua variada, escolhida e volumosa bibliotheca, qual convem ao filho distincto da Universidade, que pela sua dignidade pessoal, pelo seu saber, pela sua erudição, e pela sua eloquencia illustrou o claustro, a Academia e o pulpito, e é hoje pelos mesmos titulos um dos mais respeitaveis Prelados da Igreja.

Fallecimentos.—No dia 15 falleceu

n'esta cidade a sr.^a D. Catharina Candida do Loreto Maia, viuva do cirurgião João da Costa Maia.

—Acaba de fallecer tambem n'esta cidade o filho mais novo do sr. major Joaquim de Simas Machado. O finado era alumno do collegio militar, d'onde tinha vindo a ferias.

—Ao inconsolavel pae os nossos pesames.

Ambulancias carlistas.—(Lê-se no «Direito».)—O ill.^{mo} sr. Manoel José Vieira da Rocha entregou-nos a quantia de 123\$770 reis para as ambulancias carlistas, cuja quantia com 926\$570 reis que por varias vezes entregou até ao dia 12 de fevereiro do corrente anno, faz reis 1:050\$340. O mesmo sr. entregou-nos mais 22\$990 reis para os presos carlistas producto de uma subscripção que para o mesmo fim se promoveu em Braga.

Instrução publica.—Em 12 do corrente foram effectuados os seguintes despachos, referentes ao districto de Braga:

Antonio (padre) Manoel de Oliveira—provido, por tres annos, na cadeira de ensino primario de Villa Nova de Famalicão.

João José Garcia—provido, por tres annos, na cadeira de «Cervães», concelho de Villa Verde.

Joaquim Rodrigues de Azevedo—provido, por tres annos, na cadeira de Apulia, concelho de Espozende.

José Antonio Oliveira Babosa—provido, por tres annos na cadeira de Pedrahido, concelho de Fafe.

Manoel Gonçalves Amado—provido, por tres annos na cadeira de Villa Cova, concelho de Barcellos.

Maria Joanna Leite—provida, vitaliciamente, na escola de meninas da Feira Nova, freguezia de Santa Maria dos Ferreiros, concelho de Amares.

Bibliothecas.—Em todas as bibliothecas publicas francezas ha mais de sete milhões de volumes. Só a de Paris tem 1.150:000 volumes impressos e 80.000 manuscritos.

A Austria possui 2.500.000 volumes nas suas bibliothecas; a Alemanha, 3.350:000; a Inglaterra, 1.775:000; a Italia 4.150:000; e a Russia 860.000.

Noticias agricolas.—Os lavradores continuam a nutrir as mais gratas esperanças. O anno vae correndo com bons auspicios, e os homens experientes confiam em fartas colheitas. Os adagios agricolas dizem—*anno de nevão, anno de muito pão.* O ultimo inverno foi abundante em nevões, e preparou e fertilisou as terras. Dizem ainda os mesmos adagios—*Janeiro geoso, Fevereiro nevoso, Março molhoso, Abril chuvoso, Maio ventoso, fazem o anno formoso.* Os mezes já decorridos tem tido em geral essa feição. Veremos agora se em Abril vem as *aguas mil coadadas por um mandil.* Este mez é considerado como a chave do anno agricola. Se elle correr favoravel é de esperar a abundancia. E' certo porem, que os fructos da terra estão sujeitos a tantos perigos, que só depois da colheita se pode formar juizo seguro, diz o «Comimbricense».

Indultos.—Foram comprehendidos no perdão da semana santa os seguintes individuos condemnados em diversas penas:

Indulto completo.—Antonio Duarte o Raio e Rosa Fraga d'Anadia; Antonio Machado de Sousa e Catharina de Jesus, dos Açores; Francisco Valente de Mattos, de Estarreja; João Custodio de Moreira, Mamede Joaquim Manhoso e Joaquim José Rodrigues, de Lisboa; João Ferreira dos Santos, da Louzada; Joaquim da Costa, de Alcobaca.

Commutações.—Clementina Gonçalves Costeira, dos Arcos da Val de Vez, dois annos de prisão n'um anno; Henrique Pedro, de Lisboa, 8 annos de trabalhos publicos em 2 annos de prisão, Joaquim Antonio Gahada, do Porto, um anno de prisão em seis mezes, José Gaudencio, d'Anadia, 3 annos de degredo em 6 mezes de prisão, José Leite, de Celorico de Basto, quatro annos de degredo em 3 annos 8 mezes de prisão, Manoel Alves, de Lisboa 3 annos de degredo em 2 annos de prisão.

Os meetings.—No importante periodico de Ponta Delgada, *A Civilisação*, lemos as seguintes linhas:

Tendo sido inefficazes todos os esforços da opposição no parlamento, para derribar do poder o ministerio,—e sendo cada vez maior a sua ambição de *felicitar* este paiz, gerindo os negocios d'elle, uniu-se a uma fracção extra-parlamentar, para ver se assim consegue a sua eterna aspiração por meio de *meetings*, o

primeiro dos quaes se effectou a 19 do mez proximo findo, no salão do *Casino Lisbonense*.

Pretendiam os inimigos do governo, *mas amigos do bem publico*, levar a effecto outros no Porto, Braga e outras cidades. Em Braga, como nas mais cidades, é o *partido historico* que toma a parte mais importante nestes comícios,—o partido que menos confiança merece aos catholicos; porque é o que professa as *idéas mais avançadas*, e por conseguinte o que mais se empenha em deschristianisar o reino fidelissimo, o que menos cura dos verdadeiros interesses do povo. Dizia-se que em Braga se pediria a *liberdade de cultos*. E atrevem-se a pedir a liberdade de cultos os que não cessam de perseguir o catholico!!!

Pariz subterraneo.—O Pariz subterraneo conta actualmente 624 kilometros de canos de esgoto; ha a concluir 350 kilometros. Acabados estes trabalhos, as vias subterraneas medirão 974 kilometros, isto é 243 leguas, enquanto que as ruas não medem mais do que 860 kilometros, ou 215 leguas.

Esta differença procede de que as ruas que medem mais de vinte metros de largura, teem ou hão-de ter dois aqueductos.

Portuguezes fallecidos.—Desde 20 a 22 de março proximo passado falleceram no Rio de Janeiro, victimas da febre amarella, os seguintes subditos portuguezes:

Caetano Ferreira da Rocha, 42 annos casado; Domingos Fernandes, 37 a., c.; Antonio Alves Martins, 30 a., c.; Francisca Ferreira da Silva, 28 a., c.; João Cardoso Pereira, 28 a., c.; Joaquina de Sousa, 54 a., c.; Manoel Ayres Moreira, 33 a., c.; Manoel Gomes, 56 a., c.; Manoel Antonio Dias, 23 a., solteiro; Joaquim da Rocha; Antonio Correia, 18 a., s.; João Ignacio Freias, 20 a., s.; Manoel dos Santos 25 a., s.; Joaquim Dias da Fonseca, 23 a., s.; Manoel Fagundes, 24 a., s.; Diogo Pereira, 29 a., s.; Alfredo José de Azevedo Barros, 14 a.; Adão Antonio de Figueiredo, 14 a.; José da Silva, 27 a., s.; Antonio José de Oliveira, 23 a., s.; Manoel Joaquim Alves de Castro, 23 a., s.; Manoel Pereira Relva, 19 a., s.; Francisco Ferreira Sales, 13 a.; Antonio Castro do Amaral, 23 a., s.; João Correia da Motta, 39 a., s.; Rodrigo Pinto da Cunha, 16 a.; José Antonio Fernandes, 12 a.; José, 15 a.; Catharina Maxima, 20 a., s.; Faustina Candida, 7 a.; João Silveira de Bittencourt, 19 a., s.; Augusta de Jesus Maria, 43 a., c.; Luiz Antonio de Lima, 40 a., c.; Manoel José Pereira 52 a., c.; João da Rocha, 21 a., c.; Bernardo Paschoal, 32 a., c.; Manoel Barbosa, 44 a., c.; Caetano Philippe, a., c.; José Ferreira de Andrade, 27 a., s.; Americo Antonio de Magalhães Telles, 15 a.; Manoel Joaquim da Rocha, 26 a., s.; Bernardino de Oliveira, 19 a., s.; Antonio José da Silva Cunha, 18 a., s.; José Carneiro Barbosa, 14 a.; Manoel Joaquim Martin, 34 a., s.; Augusto Cesar Soares Pinheiro 15 a.; Maria Filomena, 27 a., s.; José Maria Gomes, 14 a.; Antonio Rodrigues, 13 a.; Joaquim Gomes, 30 a., s.; Justino Pimenta Capella, 27 a., s.; João Rodri-da Silva, 25 a., s.; Alexandre Ferreira da Encarnação, 22 a., s.; Luciano Antonio de Mendonça, 18 a., s.; J. Monteiro, 29 a., s.; João Correia Lima, 22 a., s.; João Pires da Silva, 49 a., s.; Francisco Martins Dias, 12 a.; Antonio Joaquim Ferreira 14 a.; Agar, filha de Maria de Seixas, 6 a.; Manoel Fernandes de Pinho, 8 a.; Manoel Ayres da Fonseca, 53 a., c.; Custodio José dos Santos, 40 a., c.; Luiz Coelho, 51 a., c.; Antonio Moreira, 21 a., c.; Francisco Augusto de Almeida, 31 a., c.; Maria Cordeiro, 48 a., c.; Silvina Fernandes de Freitas, 26 a., c.; Joaquim Teixeira, 33 a., c.; José Fernandes Braga, 16 a.; Augusto José, 29 a., s.; Custodio Pereira, 27 a., s.; Joaquim Fernandes, 14 a.; Antonio Logro de Faria, 14 a.; Raymundo Pinto, 28 a., s.; José Dias de Azevedo, 22 a., s.; Antonio Soares Pereira de Almeida, 37 a., s.; Sebastião Pinto Ferreira, 18 a., s.; Manoel Ferreira da Costa, 22 a., s.; Anna Bento de Mello, 30 a., s.; José Rodrigues Alves, 19 a., s.; Manoel de Paiva Ribeiro, 26 a., s.; José Gomes, 24 a., s.; Custodio João Correia, 11 a.; Julio do Amparo Pinho, 8 a.; Rosalina, filha de João Nunes da Motta, 2 a.

No mesmo periodo igualmente fallece- ra na mesma cidade, de diversa molestias, os seguintes portuguezes:

João Soares, 30 annos, casado, José

Joaquim Bastos, 35 a., c.; Vicente Fer- reira, 24 a., c.; Mariana de Jesus, 33 a., c.; João Nunes de Castro Junior, 42 a., c.; José Affonso Fagundes, 12 a.; Ayres Moreira Barbosa, 14 a.; Manoel Fran- cisco Aresfonde, 14 a.; Joaquim Alves da Costa, 12 a.; Manoel de Oliveira Bra- ga, 20 a., s.; Carlos Augusto de Cam- pos Soares, 22 a., s.; Antonio Pereira de Carvalho, 15 a.; José Joaquim da Silva Brandão, 23 a., s.; Antonio José Pinho Carvalho 38 a., s.; Antonio Gomes dos Santos, 25 a., s.; Maria Ignacia da Trin- dade, 25 a., s.; Antonio da Silva Prosa- ca, 22 a., s.; Maria da Conceição, 30 a., c.; Raphael Antonio Ribeiro, 39 a., c.; Antonio José Lourenço Guimarães, 27 a., s.; Julia Augusta Pitta, 59 a., c.; Bal- thazar José Ferreira Leite, 39 a., c.; Joa- quim Pinto do Conto, 54 a., s.; José Garcia da Cunha, 35 a., s.; Albertina Jo- sephina Alves Cabral, 56 a., c.

—Em Pernambuco tambem falleceram, desde 11 a 26 de março, os seguintes por- tuguezes:

João Lourenço, 22 annos, solteiro, Luiz Caetano Borges, 64 a. casado; Fran- cisco Luiz Pereira, 35 a., c.; João Fran- cisco de Oliveira, 64 a. viuvo; Theodo- ra Francisca do Espirito Santo, 87 a. v.; Antonio Tavares Ledo, 35 a. c.; Antonio Borges, 30 a. c.

—No dia 22 de março falleceu na Bahia o portuguez Carlos Alberto Pereira Falcão.

Acha-se aberta no escriptorio da ad- ministração d'este jornal uma subscrição para prover á sustentação de duas sen- horas, filhas de paes illustres e outr'ora abastados, reclusas no convento de Jesus, da cidade de Aveiro, no qual se vae sen- tindo quasi absoluta falta de meios.

SECÇÃO DE COMMUNICADOS

Snr. redactor.

Peço-lhe o favor de inserir no seu acreditado jornal a seguinte

Declaração.

Tendo lido em o n.º 5 do jornal *O Espreitor*, que se publica n'esta cidade, o meu nome n'uma lista de pretendentes para irmãos da confraria do Bom Jesus do Monte, declaro que não assignei tal lista nem ao menos fui consultado para isso.

Braga 19 d'abril de 1876.

Joaquim José Vieira da Rocha.

ULTIMOS TELEGRAMMAS DA AGENCIA HAVAS

PARIZ 14.—Como dissamos a folha of- ficial publica o movimento prefectoral, com- prendendo 47 prefeitos.

Apenas 9 são collocados na disponibi- lidade.

Os restantes são mudados de prefeitu- ra. Um despacho official de Argel, da- tado de 12, diz que o general Catteret apesar de encontrar viva resistencia, ba- teu a tribu revoltosa.

Hontem á noite caiu abundante neve em Paris.

Em Cette e Bourdeus tambem tem ne- vado muito, recebendo-se pela agricultura e principalmente pelas vinhas.

BERLIM 14.—Os jornaes allemães ata- cam vivamente a Russia.

VIENNA 13.—A Austria e a Russia consideram inaceitaveis as condições pro- postas pelos insurgentes da Herzegovina e sustentam lealmente a obra de pacifica- ção

BELGRADO 13.—A sociedade servia de Omladina promoven uma demonstração contra o consulado de Belgrado.

Os manifestantes atiraram pedras para o consulado. O consul pediu uma satis- facção ameaçando abandonar Belgrado.

O governo servio apressou-se em dar a satisfação pedida.

MADRID 13.—O «Diario Hispanhol», periodico ministerial, diz que pessoas as- sás bem informadas asseguram que o go- verno hispanhol não propoz nem podia propor o restabelecimento da concordata de 1851, cujo artigo 1.º é contrariado ao artigo 11 do projecto constitucional. O supremo tribunal de justiça regeitou o recurso de Pastor, condemnado á morte por ter disparado sobre o rei Amadeu. Pastor evadiu-se em tempo do Saladero, ignorando-se o seu paradoro.

MADRID 15.—Bolsa da tarde (cotações officiaes)—Hispanhol interno a 16,25; di- to externo a 16,50; bilhetes hipoteca- rios 103; bonds do thesouro a 59,50; cambio sobre Londres a 48,50; dito sobre Paris a 5,06.

Depois de fechada a bolsa vendeu-se a 16,25, e para o fim do mez a 16,30.

MADRID 17.—Diz o «Chronista» que o conselho de ministros, sob a presiden- cia do rei, se occupou do orçamento do Estado e da questão de Cuba.

O governo mandou abrir delegações de inscrição para o engajamento de 16:000 voluntarios, com destino ao exercito de Cuba.

PARIZ 17.—Na eleição complementar para deputados por Saint Amand, depart- tamento do Cher, o candidato conserva- dor Saint Sauveur, obteve 5:240 votos, o candidato republicano Rollet 5:149 e Char- les de Indéan 1:974. Ficou empatada a eleição.

MADRID 18.—Os jornaes madrilenos pedem a suppressão dos «fueros» nas pro- vincias do norte.

PARIZ 17.—As eleições complementa- res de hontem realizaram-se em toda a parte com perfeita tranquillidade. O mi- nistro do interior, Richard, representará hoje Pariz.

EXPEDIENTE DA ADMINISTRAÇÃO.

Rogamos a todos os nossos assignan- tes em divida de suas assignaturas, o fa- vor de mandarem o quanto antes satisfa- zel-as, pois com o atraso em que alguns se acham nos causam grandes enbaraços, aquelles onde não temos corresponden- tes, podem fazel-o por meio de casas ban- carias ou vales do correio.

Os nossos correspondentes nas seguin- tes localidades são:

Lisboa, o revd.º snr. José Feliciano Coelho dos Reis—Hospicio do Sacramento.

Porto, o snr. José Carlos das Neves— rua das Flores.

Vianna do Castello, o snr. Francisco José d'Araujo Junior.

Guimarães, o snr. José Antonio Tei- xeira de Freitas—Livraria Internacional, a S. Damaso.

Covilhã, o snr. Luiz Antonio de Car- valho

Todos estes snrs. estão munidos de recibos devidamente assignados.

Assignaturas recebidas

Rio de Janeiro (Nichteroy).—João Lo- pes do Nascimento Guimarães, até 11 de outubro de 1876

Porto (Fanseres).— Padre Bernardo Moreira d'Almeida, até 3 de junho de 1876.

Villa Verde.—Domingos Antonio d'A- rajujo, até 20 de maio de 1876.

—Revd.º abbade de Novogilde, até 31 de dezembro de 1876.

Melgaço.—Luiz Vicente Gomes Pinhei- ro, até 19 de novembro de 1875.

Aguas Santas.—Padre Bernardino da Costa Araujo, até 15 d'abril de 1876.

Vianna do Castello.—João Joaquim Pe- reira, até 19 de setembro de 1876.

Prado.—Antonio Joaquim da Rocha Moreira, até 30 de junho de 1876.

—Revd.º arcipreste de Villa Verde, até 31 d'agosto de 1876.

—Manoel Joaquim d'Araujo e Almeida, até 13 de junho de 1876.

—José Luiz Ferreira, até 15 de julho de 1876.

Cabeceiras.—José Maximo de Carvalho e Sousa, até 19 de julho de 1876.

Rossas.—Padre José Antonio Rodrigues, até 31 de dezembro de 1876.

Caminha.—D. Manuela Ribeiro de Tei- xeira, até 15 de outubro de 1876.

Sabugal.—Revd.º abbade de Sortelha, até 15 d'agosto de 1875.

ANNUNCIOS



NOVA CARREIRA

Joaquim José de Barros, se- leiro, no largo dos Penedos, par- ticipa ao respeitavel publico, que

principia com uma nova carrei- ra entre Braga e Carrazedo, to- das as terças feiras e sabbados, a sair de Braga ás 3 horas da tarde, e de Carrazedo ás 6 ho- ras da manhã. Os bilhetes, ven- de-se em Braga em casa do an- nunciante, em Carrazedo em ca- sa do snr. Manoel de Andrade.

Preços: de Braga a Carraze- do, e vice-versa. . . . 160 rs.

(3098)



NOVO HORARIO

Narciso José Marques, d'esta cidade, faz publico que continúa com as suas dili- gencias diarias para Guimarães, Fale, La- meira, Gaudarella, Arco e Cavez, e desde o dia 21 do corrente fica saindo ás 5 ho- ras da manhã em direcção a Cavez e de tarde ás 2 horas só para Guimarães.

Preços, os já annunciados.

Braga, 19 de Abril de 1876.

(3099)

Narciso José Marques.



José Antonio de Sousa Leite Carneiro, faz publico que abre uma carreira d'esta cidade a Carrazedo, ás terças feiras e sab- bados, a sair d'esta cidade ás 3 horas da tarde e de Carrazedo ás 5 horas da man- nhã. Preços de ida e volta 140 rs. Ponte do Bico, á ultima hora, 100 rs.

Os bilhetes estão á venda em casa de Francisco Freitas de Carvalho, rua do Conselheiro Januario. (4000)

COMPANHIA LLOYD DE BREMEN
PARA
Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos-Ayres

O novo e magnifico paquete—HAPSBURG—de 3:100 tonel- ladas, a sair de Lisboa em 11 de maio.

Teem estes vapores EXPLENDIDAS ACCOMODAÇÕES para TO- DAS AS CLASSES. COSINHEIROS E CREADOS PORTUGUEZES, MEDI- CO E BOTICA GRATIS assim como caminho de ferro até Lisboa.

Quaesquer informações ou bilhetes de passagens podem obter-se dos agentes Rawes & C., rua de S. Francisco n.º 4, 2.º andar—Porto, ou dos seus agentes nas provincias.

(12*)
Agente em Braga
Ricardo Malheiro Dias.

Banco da Povoia de Varzim

Per ordem do excm.º snr. presidente da assembleia geral são convidados os srs. accionistas a reunirem-se extraordina- riamente na casa do mesmo banco, no dia 29 do corrente, pelas 10 horas da manhã, afim de elegerem um director e substitu- tos. (4001)

DECLARAÇÃO

Mathias Dias da Fonseca, negociante matriculado no tribunal do commercio d'esta cidade, declara, que o seu nome não figura, nem figurará em nenhuma letra co- mo accitante sacador ou endossante e por isso se alguma for apresentada com taes condições, é falsa. (3097)

ALVIÇARAS

Perdeu-se no domingo 16 do corrente, uma medalha d'ouro em forma de escudo com a inicial—C.—, tem dous retratos dentro, sendo um de senhora, e outro de homem. Dão-se alviçaras a quem a entregar no largo de S. Francisco, no escriptorio da Companhia Viação do Miho.

VINHO VERDE PARTICULAR

Na rua de Santo Antonio, das Travessas, n.º 15, e rua do Campo, n.º 20, acha-se á venda vinho verde particular, e bons petiscos para os amadores d'este genero, tudo com azeite e limpeza e por preços muito rascaveis. (3096)

João de Lemcs

SERÕES D'ALDEIA

Um vol. nitidamente impresso, 600 rs. Pelo correio, 630 rs.

Na Livraria de Ernesto Chardron—Editor—Porto.

Pelo juizo de direito d'esta comarca e cartorio de Motta, a requerimento de Josefa da Encarnação, viuva, filhos, noras e genros, Antonio d'Aguiar, Bento d'Aguiar e mulher, Maria, José d'Aguiar e mulher Ignez Gramita, Maria da Encarnação e marido Manoel Machado, Rosa da Encarnação e marido Manoel Carvalho, filhos, nora, genro e neto, que ficaram de Ignacia da Encarnação, viuva, José Margalho e mulher Maria Pacheco, Maria Gramalho, Gramita, filha de Francisco Margalho, menor pubere, representada por sua avó e tutora, Maria Gramita, e todos do logar da Falla, da freguezia de S. Martinho do Bispo, da comarca de Coimbra, que correm editos pelo prazo de 60 dias a contar de 6 do corrente, pelos quaes chama e cita o reo Antonio José Alves Vicente, morador que foi n'esta cidade, e hoje ausente em parte incerta no imperio do Brazil, e representado n'este juizo por seu tutor Joaquim José Gonçalves Loureiro, e o curador adlito o exc.^{mo} dr. Francisco Xavier de Sousa Torres e Almeida, os quaes querem promover a habilitação nos autos de libello de petição de herança, que movem contra o ausente, e a qual chamam os habilitandos Antonia Maria de Pereira do Lago, viuva, da freguezia de S. Julião do Freixo, João Alves Vicente, viuvo, Luiz Vicente Correia do Lago, Anna Maria Pereira do Lago, da fraguezia do Salvador do Souto, o rev.^o José Alves Vicente Correia do Lago, Rosa Maria Pereira do Lago e marido Domingos José da Silva Caridade da freguezia de Victorino dos Piães, Marianna Angelica Correia Vieira, viuva, e seus filhos Antonio Vicente Lobo e João Vicente Lobo e mulher Candida Zeferina de Lima Calheiros, da freguezia de Rebordões, todos da comarca de Ponte do Lima, a qual citação edital tem de ser accusada em a audiencia do dia 8 do futuro mez de junho, pelas 9 horas da manhã no tribunal d'ellas, situado no largo de Santo Agostinho, d'esta cidade, com offerecimentos dos artigos, e verem os habilitandos e curadores assignar o termo de duas audiencias para os contrariarem, debaixo da pena de revelia e lançamento e seguir a acção os seus devidos termos, as quaes audiencias se costumam fazer todas as segundas e quintas feiras de cada semana não sendo dia santificado ou feriado, porque o sendo se fazem nos dias immediatos. (3093)

PREVENÇÃO

O abaixo assignado, declara que nada deve por letras, por elle firmadas, tanto como accitante como indossante, quer n'esta cidade quer fóra d'ella, e não firmará, quando não seja elle propriamente o apresentante.

Previnem-se pois as exc.^{mas} direcções de Bancos, companhias, agencias e particulares, que não descontem letra alguma que lhe seja apresentada por terceiro, pois que ficam sendo consideradas falsas.

Braga 12 de abril de 1876.

(3091) João da Costa Palmeira.

VENDA DE CASAS

Vende-se uma casa feita de novo, sita na rua das Aguas n.º 91; pode-se vêr desde as 9 horas da manhã, até ás 3 da tarde. Trata-se na rua dos chãos n.º 13 (3086)

COMPANHIA

LLOYD DE BREMEN

NORDDEUTSCHER LLOYD

NOMES DOS VAPORES D'ESTA COMPANHIA

Hohenzolern—Hohenstaufen
Salier—Habsburg—Hansa
America—Hermann—Weser
Rhein—Main—Donau—Mosel
Neckar—Oder
Kron Prinz Fr. Wilhelm
Graf Bismark
General Werder
Sperber



Carreira mensal

Baltimore—Berlim—Ohio
Leipzig—Braunschweig
Nurnberg—Frankfurt—Han-
nover—Köln—Strassburg
Adler—Falke—Mowe—Reiher
Schwalbe—Schwan—Strauss
Albatross

Para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos-Ayres

Os paquetes que a Companhia está empregando na carreira do Brazil são todos de grande lotação, tendo logares para 170 passageiros de primeira classe e 750 de terceira.

São de grande velocidade, e o serviço esta-se fazendo com toda a regularidade; pelo que vae adquirindo uma boa e bem merecida reputação.

Os preços das passagens são muito rascaveis, como se pôde verificar pela tabela que se acha patente nas agencias.

Sendo as passagens pagas no Porto ou nas sub-agencias da provincia, o transporte do passageiro a Lisboa pelo caminho de ferro é por conta da Companhia.

Estes paquetes são notaveis pelos seus modernos aperfeiçoamentos e esplendidas accommodações para passageiros de todas as classes.

Estão já contractados cozinheiros e creados portuguezes para estes paquetes.

Aos passageiros de terceira classe é fornecido gratis pela Companhia, cama, cobertor, utensilios de mesa, e além de ser a comida á portugueza tem vinho duas vezes por dia.

A bordo de cada paquete ha um medico que é obrigado a prestar seus serviços gratuitamente aos snrs. passageiros, assim como são fornecidos todos os medicamentos necessarios.

Quaesquer informações ou bilhetes de passagens podem obter-se dos agentes **Raven & C.^a**, rua de S. Francisco n.º 4, 2.º andar—Porto—e em Braga ao agente Ricardo Malheiro Dias, na thesauraria do Banco Mercantil, ou largo de S. Miguel O Anjo n.º 20. (6*)

MALA REAL INGLEZA

S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos-Ayres
Aceitando tambem passageiros de 3.ª classe para SANTOS e RIO GRANDE DO SUL com trasbordo no Rio de Janeiro

Este paquete da Companhia Mala Real Inglesa sahirá de Lisboa em 28 de Abril.
Para mais esclarecimentos dirijam-se á Agencia Central no Porto, rua dos Ingleses, 23—o agente Guilherme C. Tait, e nas provincias ás agencias e correspondencias nas principaes cidades e villas.
Agente em Braga o snr. João Manoel da Silva Guimarães, Rua do Souto.



Venda de bens de raiz em S. Thiago de Carreiras, concelho de Villa Verde.

No dia 20 do proximo mez d'Abril, ao meio dia, no adro da igreja parochial de S. Thiago de Carreiras do concelho de Villa Verde, tem de arrematar-se o campo do Rio, o campo do Arieiro, e a leira da Veiga, situados na mesma freguezia, e pertencentes ao casal em liquidação do fallecido exc.^{mo} Manoel de Magalhães d'Araujo Pimentel, isto por deliberação da commissão liquidataria do mesmo casal.

Braga 29 de Março de 1876.

Henrique Freire de Andrade
Manoel Luiz Ferreira Braga
João Evangelista de Sousa Torres e Almeida. (3058)

RETRATOS BARATOS

NOVA PHOTOGRAPHIA

4, RUA DOS CAPELLISTAS, 4
(Vulgo Fonte da Carcova)

Theophilo Santiago, photografo, tira retratos pelos systemas mais modernos e aperfeiçoados, garantindo a perfeição do trabalho, todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde, mesmo com os dias innevoados. (3054)

Nova Companhia de Seguros DOURO

De Fogo e Maritimo

Agente em Braga—Ricardo Malheiro Dias, Banco Mercantil, ou Largo de S. Miguel O Anjo, n.º 20. (3090)

CASAL

Vende-se na Povoa de Lanhoso e logar d'Arrifana o casal denominado d'«Alem» com todas as suas pertencas, livre de fóro ou penção. Dirigit-se ao proprietario alli, ou nos Chãos de Baixo, n.º 6. (3055)

Manoel Ignacio da Silva Braga

Com estabelecimento de mercearia e cera

11—PRAÇA DE ALEGRIA—11
BRAGA.

- Tem á venda bolacha doce. . . . a 120
 - » » miuda a 120
 - » » D. Luiz. . . . a 180
 - » » ingleza. . . . a 180
 - » » agoa e sal. . . . a 180
 - » requife a 160
 - » doce de chá. a 200
 - » paciencias. a 240
- (3084)

ATENÇÃO

No largo de D. Gualdim n.º 1 casa de José Maria Torres Machado vende-se milho branco a 580, e 530 reis a retalho, por junto á abatimento, pelo mesmo preço se vende nas casas do annunciante na ponte de Prado. (3087)

Farmacia de HOGG, 2, rue de Castiglione, Paris (Unico proprietario).

OLEO HOGG

Prescripto por todos os medicos e empregado com o mayor successo contra: as enfermidades do peito, affecções escrofulosas, tosse chronica, rheumatismos, magreza crônica, das impigemes, fluxos brancos, debilidade geral, etc., etc. Agradavel e facil de tomar. — Desconfiar das falsificações.

Exigir-se-ha a marca da Fabrica juntó que encobro a capsula de cada frasco de feito triangular, e a firma HOGG e Cia, que devesa achar-se sobre o rotulo.

Depositos nas principaes Pharmacias e em Lisboa, nas casas de BARRETO, rua de Loreto, 28 e 30. AZEVEDO e Filhos, BARRAL e IMAO; em Porto, nas casas de ALVARO ABILIO ANDRADE, SOUZA FERREIRA e IMAO, JOSÉ PINTO; em Coimbra, Salvador FERREIRA.

RIBEIRO

CIRURGIÃO DENTISTA

APPROVADO PELA ESCOLA MEDICO CIRURGICA DO PORTO

Largo do Barão de S. Martinho, n.º 5

BRAGA.

Faz tudo quanto diz respeito á sua arte e continúa operando gratis, pobres e soldados. (3092)

MOURA

BRAGA

RUA DE S. MARCOS, N. 5

Vende papeis pintados para guarnecer sallas, lindissimos gostos, a principiar em 80 reis a peça.

Vende olio, tintas e vernizes para pinturas de casas, tudo de boa qualidade, e preços muito resumidos.

Vende cimento romano para vedar aguas, gesso para estuques de casas, tudo de primeira qualidade. (Z*)

J.M. PINHEIRO

CIRURGIÃO DENTISTA

ESCOLA AMERICANA

Extrai, cura e conserta os dentes cariados, colloca dentes artificiaes com perfeição. Presta-se a chamados fóra da cidade. Consultorio, Campo de Sant'Anna n.º 1, das 8 da manhã ás 5 da tarde (3051)

BRAGA: TYPOGRAPHIA LUSITANA — 1876.